

**DANDO SIGNIFICADO ÀS COISAS: POR  
UMA ARQUEOLOGIA ANTROPOLÓGICA  
NOS ESTUDOS INTERPRETATIVOS DA  
TECNOLOGIA INDÍGENA NUMA  
PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR E  
REGIONAL**

Robson Rodrigues<sup>1</sup>  
robson\_arqueo@yahoo.com.br

**Introdução**

Atualmente constatamos um crescimento no interesse da Arqueologia brasileira em se pensar questões mais amplas a respeito da dinâmica e do funcionamento da cultura, principalmente a relação entre a construção simbólica, a materialidade produzida pelos diferentes grupos étnicos e seus comportamentos, bem como entender a lógica interna que possibilita a sobrevivência de certos sistemas socioculturais e suas

---

<sup>1</sup> Arqueólogo. Doutor em Arqueologia pelo MAE/USP. Pesquisador e Pós-Doutorando do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia - INCIS/UFU; PNPd/CAPES; Fundação Araporã.

mudanças. Ou seja, o que se quer é entender os códigos de significados que constituem a chave dos mecanismos de funcionamento, da dinâmica e do comportamento das populações. Esse interesse é fruto de novas orientações que estão envolvendo a Arqueologia, principalmente a partir do debate proporcionado pelo pós-processualismo<sup>2</sup>.

Nesse contexto, o território brasileiro se constitui num fértil campo de pesquisa, pois seu extenso leque populacional se caracteriza pelas diferenças culturais a partir de variados sistemas sociopolíticos, e por uma vasta rede de comunidades inter-relacionadas com um conjunto linguístico e demográfico de grande heterogeneidade. Além desse fator, muitos são os documentos históricos que registram relatos de viajantes e cronistas que descrevem hábitos e costumes dos primeiros habitantes do Brasil. Portanto, a partir da articulação desses relatos e narrativas, bem como de interpretações destas fontes de informações, será possível visualizar aspectos sociais e culturais de populações pretéritas, na busca de compreensão de sua dinâmica sociocultural e do entendimento das causas e dos significados da variabilidade artefactual encontrada no registro arqueológico<sup>3</sup>.

O campo da pesquisa em Arqueologia identificado no presente artigo se dá a partir de um alinhamento que define o estudo dos processos de transformação social e da divergência dos enfoques interpretativos da cultura material, pois entendemos que pela mediação da pesquisa arqueológica podemos construir ideias e interpretar aspectos do

---

<sup>2</sup> O pós-processualismo se caracteriza pela crítica ao positivismo e funcionalismo muito presentes nos métodos arqueológicos, e pela incorporação de múltiplas correntes teóricas na ampliação do espaço da disciplina a partir de novas abordagens do pensamento social.

<sup>3</sup> O registro arqueológico é constituído pelos vestígios materiais, isto é, aquilo que se pode conservar e que inclui desde restos mortais dos próprios indivíduos, ruínas ou marcas no solo de suas casas, templos, ou simples acampamentos, incluindo dejetos de sua comida (ossos, vegetais, sementes, etc.), seus utensílios, instrumentos, vestimentas e adornos, que foram formados, transformados e depositados a partir de diferentes fatores naturais e culturais, sendo um importante elemento no processo de formação dos contextos arqueológicos.

comportamento humano pretérito, procurando organizar elementos para explicar o porquê de determinados fenômenos humanos acontecerem em determinado tempo e lugar; bem como suas origens, seu desenvolvimento, suas mudanças e, muitas vezes, seu fim.

Em nossa linha de reflexão, entendemos que conhecer o passado implica em definir muitos aspectos da nossa atualidade. Isto é, compreendendo o ser humano do passado poderemos entender a ocupação humana nos diversos ambientes naturais, os indivíduos e suas organizações no período contemporâneo.

Outro elemento a ser destacado é a necessidade do reconhecimento da importância de se trabalhar a cultura material, procurando contextualizá-la em termos do ambiente ecológico no qual se inserem os seres humanos que a produziram, associando-a a sua organização social, ao modo de ocupação do espaço e à percepção estética, por exemplo, para a obtenção de dados relativos às possíveis transformações ocorridas ao longo do tempo na morfologia, nas formas de usos, nas escolhas das matérias primas e nas técnicas de elaboração dos artefatos realizadas por parte dos agentes produtores de cultura.

Enquanto arqueólogos, devemos dar subsídios para que a nossa sociedade satisfaça suas indagações e sua sede por explicações do passado, para estabelecer um diálogo na construção de referenciais epistemológicos e abordagens metodológicas para o estudo das histórias e culturas dos diferentes povos ocupantes do território brasileiro.

### **Arqueologia: imagem misteriosa e aventureira**

O caráter da disciplina arqueológica sempre foi marcado pela definição de estudo dos vestígios de povos dos quais geralmente não existe mais informações, exceto os sepultamentos dos mortos, as casas abandonadas ou em ruínas, os caminhos abandonados, os fragmentos de objetos domésticos, etc. Ou seja, a Arqueologia é uma disciplina que se ocupa do estudo de sociedades, sem outras informações além das que nos proporcionam os mortos.

Esta característica faz com que a Arqueologia tenha uma imagem misteriosa e, ademais, provoca a equivocada impressão de que os arqueólogos podem resolver os mistérios do passado com base em uma rica imaginação. Graças a esta imagem, o arqueólogo se converte em algo mais como um mago que se coloca a falar pelos mortos sobre aquilo que quer e crê (LUMBRETERAS, 1981).

Apesar de estar no campo das Ciências Sociais, a disciplina tem origens nas Ciências Naturais, dedicando-se fundamentalmente ao estudo do chamado “Homem Pré-Histórico”, tendo como objetivo de fundo consolidar a teoria da origem natural do Homem.

Atualmente este aspecto da Arqueologia se faz presente, porém se compreende que devem ser estudados os aspectos sociais do ser humano, tendo como objetivo o de promover o intercâmbio entre pesquisas de diferentes áreas do conhecimento que permitam desenhar um quadro das dinâmicas das ocupações humanas em diferentes territórios, os impactos coloniais e os rearranjos socioculturais sofridos pelas populações originais e seus remanescentes num contexto regional.

Nesta perspectiva a Arqueologia deve ser entendida como o estudo dos objetos e representações produzidos pela humanidade, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico, visando à compreensão do funcionamento e da transformação dessas sociedades na busca de correlações entre o homem e a natureza, ou seja, ao estudo da materialidade apropriada pelas sociedades humanas (FUNARI, 2006). O objeto de estudo da Arqueologia são “as coisas”, “os objetos”, “os vestígios ou evidências materiais”, em particular os artefatos criados pelo trabalho humano que constituem “os fatos” arqueológicos reconstituíveis pelo trabalho de análise realizado pelos arqueólogos. Neste aspecto, partimos do objeto para entender o sujeito produtor, entender quem está por trás da produção, seu modo de viver e pensar.

Como campo do saber, se constitui essencialmente de modo interdisciplinar, desenvolvendo projetos de investigação comuns a várias ciências. Esta abordagem interdisciplinar é necessária para explicar a complexidade das sociedades estudadas. Isto é, na medida em que seu objeto

de estudo se refere às sociedades humanas, a Arqueologia compartilha com outras Ciências Sociais e Naturais a necessidade de uma abordagem mais ampla para sua interpretação e explicação da complexidade do objeto de estudo. Funari (2006) argumenta ainda que a Arqueologia não se basta a si mesma. Essa interdisciplinaridade é ampliada na medida em que se observa a importância da troca de informações entre as áreas do conhecimento, para possibilitar um enfoque único na reconstituição da vida humana, como um todo, e o entendimento das relações com o seu meio, buscando visualizar as peculiaridades dos diferentes agrupamentos humanos estudados.

A vocação interdisciplinar que a Arqueologia possui é fruto de sua necessidade de entendimento das adaptações, do desenvolvimento, do funcionamento e das representações simbólicas das sociedades humanas. Particularmente, a Arqueologia se associa às Ciências Humanas e Sociais, como à Antropologia e à História, para construir um arcabouço do conhecimento na compreensão do complexo cultural em que a humanidade está inserida, fazendo um recorte histórico por meio da análise e interpretação dos testemunhos materiais da cultura encontrados nos diferentes ambientes naturais. Testemunhos que vivificam um período em que o ser humano conviveu com seu ambiente e construiu relações com a sua cultura, interagindo diretamente para a manutenção e aprimoramento de sua existência.

Neste aspecto, contribui com a observação de determinados processos e dinâmicas culturais de longa duração, vistos através da cultura material e dos níveis associativos estabelecidos com os demais objetos e estruturas arqueológicas, com o sistema de sítios e o entorno físico-biótico. Portanto, a Arqueologia pode ser entendida como uma leitura, um tipo particular de leitura, na medida em que seu texto não é composto por palavras, mas por objetos concretos, em geral mutilados e deslocados do seu local de confecção e de utilização.

Quando se define um recorte regional para o entendimento dos sistemas socioculturais a partir da análise dos vestígios arqueológicos que em um determinado período pretérito foram produzidos dentro desse sistema, privilegia-se a ampliação das possibilidades de visualização deste

contexto geográfico, pois é possível levar em consideração as diversas interações ocorridas em tempos remotos entre as diferentes populações, o ambiente habitado e os fatores pós-deposição ocorridos que são identificados a partir do registro arqueológico. Nessa perspectiva, será possível considerar os vestígios antigos em relação aos povos indígenas da História Pré-Colonial e vestígios mais recentes, a partir dos processos colonialistas, que tragam subsídios para a compreensão destas organizações sociais, identificando possíveis elementos das interações culturais realizadas por povos de etnias diversas na constituição do povoamento da região estudada.

No campo da pesquisa regional, deve-se traçar um panorama étnico-cultural referente aos diferentes povos, que possa ser averiguado a partir de uma interpretação associando-se elementos históricos e antropológicos. Nestas investigações arqueológicas, a cultura material se constitui como um documento que se soma aos esforços de definição dos panoramas socioculturais da região em estudo, dentro de uma dinâmica dos encontros e confrontos sociais ocorridos. Nesse sentido, as fontes históricas podem fornecer subsídios para o panorama etnográfico da região em tempos remotos, na medida em que admitamos continuidades e descontinuidades no modo de vida das populações indígenas nos períodos pré e pós-contato com a sociedade colonialista.

Tradicionalmente se define que o objeto de estudo da Arqueologia são os vestígios materiais deixados pelos seres humanos no decorrer de sua existência. Ou seja, o estudo da cultura material de povos sobre as quais não há, ou há poucas informações em documentos históricos. Neste caso, no curso da história universal do ser humano, a maior parte dos povos do mundo não teve formas de escrita deixadas para a posteridade, para que se pudesse conhecê-los historicamente, de modo que só será possível conhecê-los a partir de vestígios materiais.

Estas evidências materiais constituem o patrimônio arqueológico de uma determinada região, e se definem como remanescentes dos processos culturais que nela se sucederam, em diferentes períodos históricos. Portanto, para caracterizar esses processos, é preciso identificar os tipos de

vestígios materiais que podem ter restado dos antigos assentamentos das populações que ocuparam o território da área em estudo, em tempos anteriores e posteriores à colonização europeia; verificar as possibilidades reais desses vestígios ainda se encontrarem preservados e em que grau de integridade; avaliar a importância desses vestígios para a memória regional e nacional e, por fim, interpretá-los.

Os resultados destas interpretações a respeito das ocupações humanas regionais devem romper com as homogeneidades e visões gerais comumente utilizadas para definir comportamento humano (muitas vezes agregadas no conceito de Tradição Arqueológica<sup>4</sup>), evidenciando assim uma ocupação humana heterogênea e dotada de múltiplas manifestações culturais. Acreditamos que, em termos arqueológicos, a pesquisa regional pode fornecer uma multiplicidade de elementos culturais vislumbrados nos vestígios materiais, corroborando com uma visão mais crítica e dinâmica do passado sociocultural, não mais o encarando como o receptáculo de culturas estáticas, que hoje se encontrariam extintas.

### **Um novo caminho a ser seguido pela Arqueologia**

Ao trilharmos um caminho marcado por inúmeros obstáculos e lacunas para se atingir o objetivo proposto de interpretação dos contextos socioculturais pretéritos, a opção será percorrer um trajeto marcado pela associação de elementos arqueológicos, históricos e etnográficos, presentes na perspectiva etnoarqueológica, isto é, um novo modo de pensar a cultura material, que proporciona os meios para que se possa interpretar a aparência estática do registro arqueológico, tendo como referencial a dinâmica do contexto etnográfico. Ou seja, permite-se que hipóteses, modelos e teorizações sejam testadas a partir do estudo da cultura de sociedades contemporâneas e historicamente conhecidas, de acordo com os

---

<sup>4</sup> Conceito definido pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), e que corresponde a um grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal (SCHIAVETTO, 2003:106).

interesses arqueológicos e a partir de projeções etnográficas, o que “consiste no uso do conhecimento etnográfico sobre os povos indígenas atuais, para a projeção de hipóteses sobre a história dos índios” (MANO, 2012, p.135).

Trata-se de uma estratégia de pesquisa que visa à produção de uma base de dados etnográficos sobre as relações entre o comportamento humano e o mundo material que possa auxiliar nas teorizações sobre os processos de formação dos registros arqueológicos e, ao mesmo tempo, que venha a contribuir para os estudos de cultura material (HODDER, 1982; LONGACRE, 1991 e DAVID, 1992). Portanto, trata-se de um esforço empreendido pelo arqueólogo ao desenvolver sua análise utilizando-se de informações antropológicas das sociedades contemporâneas ou historicamente conhecidas para padronizar as interpretações dos contextos arqueológicos.

Quando da realização das pesquisas de campo para a coleta de dados arqueológicos, deve-se obter informações para análise das diferentes áreas de ocupação espacial como ambientes domésticos, de habitação, de produção industrial, ritualísticas, entre outras, e que auxiliem nas interpretações a respeito da dinâmica cultural, especialmente no que se refere ao problema da variabilidade dos artefatos.

O dado etnográfico, sendo fundamental para entender os processos de formação do registro arqueológico, deve ser recolhido e aplicado para a compreensão da forma, fabricação, distribuição, significado e uso dos artefatos, a sua colocação institucional e a unidade de organização social correlata entre as populações indígenas (STILES, 1977; GOULD, 1977). Além das pesquisas de campo e dos estudos etnológicos que embasam diretamente as análises arqueológicas, pode-se utilizar fontes históricas publicadas e de arquivos, de resultados experimentais, pesquisa etno-histórica, pesquisa museográfica, etc., (GONZALO, 1995; SILVA 2000). O que implica de algum modo numa relação entre dados das sociedades historicamente conhecidas e o conhecimento do passado arqueológico, ou seja, a "explícita integração dos dados etno-históricos e etnográficos com os dados arqueológicos" (MONTICELLI, 1995).

Com esse procedimento entendemos ser possível trazer para a reflexão arqueológica elementos que são inacessíveis nos registros arqueológicos, mas que são fundamentais para a compreensão de sua formação, bem como para a assimilação do significado da cultura material para as populações indígenas que outrora ocuparam diferentes territórios. Ou seja, enquanto estratégia procura-se definir um eixo que permita observar a relação entre os comportamentos, as tecnologias e a espacialidade, procurando vislumbrar o que mudou e o que não mudou na linha da continuidade histórica dos povos num determinado tempo e espaço.

Por meio da Etnoarqueologia, é possível entender determinados aspectos do comportamento humano pretérito que, muitas vezes, são deixados de lado em algumas observações arqueológicas, permitindo alcançar um conhecimento satisfatório do passado estudado, principalmente quando o método é aplicado às pesquisas em que se observa uma continuidade cultural geograficamente determinada de um mesmo grupo étnico contemporâneo<sup>5</sup>.

Nesse contexto, o conhecimento etnológico e histórico passa a ser um direcionador, um norte, que permite ao arqueólogo a busca de informações tanto específicas como gerais para o estabelecimento de correlações entre o comportamento humano e os elementos materiais da cultura.

Com a pesquisa etnoarqueológica são fornecidas pistas importantes para interpretar e complementar análises arqueológicas que não contam mais com os dados sobre a sociedade que elaborou, usou e descartou os objetos localizados nos sítios arqueológicos. Trata-se, portanto, de "trazer para a reflexão arqueológica elementos que seriam inacessíveis no registro arqueológico e que são fundamentais para o entendimento dos processos de formação dos registros arqueológicos" (SILVA, 2000, p.16). Nesse sentido,

---

<sup>5</sup> Ao longo de minha trajetória como pesquisador acadêmico venho desenvolvendo estratégias, pensando possibilidades e sistematizando informações para a constituição das ideias aqui apresentadas a partir da execução de projetos com aplicação metodológica nas pesquisas com grupos indígenas.

a Etnoarqueologia se coloca como uma das possibilidades científicas que orienta o diálogo entre a Arqueologia e a Antropologia e fornece subsídios que possibilitam entender as relações existentes entre o comportamento humano e os vestígios materiais que deles resultam, revelando, além das variabilidades dos processos de formação do registro arqueológico, seus efeitos físicos e suas regularidades (SILVA, 2000 e SCHIFFER, 1983).

### **Estudos sobre tecnologia indígena nos ambientes regionais**

Dentre os elementos materiais produzidos pelas culturas indígenas, a dinâmica de confecção das cerâmicas passa a receber um tratamento mais detalhado nos trabalhos científicos que a tomam como objeto de estudo, assim elaborando análises da cultura material dessas sociedades, principalmente no que se refere aos aspectos relativos à morfologia e seus usos, na perspectiva de documentar as técnicas e seus saberes.

É preciso reconhecer a importância de se trabalhar os elementos materiais da cultura procurando contextualizá-los em termos do ambiente ecológico em que se inseriram os indivíduos produtores, da sua organização social, modos de ocupação do espaço, percepção estética, dentre outros elementos, para a obtenção de dados relativos à dinâmica de produção tecnológica, e que estão associados a possíveis transformações ocorridas ao longo do tempo na morfologia do objeto, das técnicas de elaboração dos artefatos, das escolhas e usos das matérias primas, bem como da articulação desses elementos com as relações sociais.

Ao mesmo tempo, a pesquisa arqueológica deve refletir sobre a relação dessas possíveis transformações com aspectos relacionados aos contatos entre as populações indígenas, bem como com a sociedade nacional, a disponibilidade e acesso às matérias primas necessárias para a elaboração de seus artefatos, já que, como bem argumenta Landa (2005), “não é possível estudar uma sociedade centrada nela mesma, desconsiderando o seu entorno e o aspecto relacional que mantém com este” (LANDA, 2005, p.22).

Dentre os diferentes pressupostos do pensamento arqueológico, um recorte conceitual vai sendo definido e vai se fortalecendo com as pesquisas sobre tecnologia. As interpretações a respeito dos sistemas tecnológicos não são únicas, já que cada escola de pensamento discute o conceito a partir de seu referencial teórico. De modo geral, nos estudos da cultura material oriundos dos registros arqueológicos, a preocupação se dá a partir da análise dos aspectos físicos do objeto e de modo descritivo, ou seja, privilegiando a tipologia e a morfologia, para compreensão de sua função. Porém, além destes atributos, é necessário definir os elementos que estão diretamente associados aos aspectos estéticos e simbólicos, associando-os ao contexto ambiental e ao modo de vida e organização sociocultural de um determinado grupo étnico. Nesta perspectiva deve-se entender o processo produtivo como algo significativo na vida das pessoas, principalmente a partir do ato de produção desempenhado, e as escolhas que o produtor estará fazendo para definição da matéria prima, da produção do objeto, do uso e reuso na comunidade, e do descarte desse artefato.

A tecnologia, mesmo não tendo um conceito único e acabado, deve ser entendida como uma construção social cujas vertentes dizem respeito às práticas, representações e aos meios de transformação social. Essa concepção dinâmica na compreensão da tecnologia leva em consideração aspectos não materiais associados ao objeto, tomando o próprio corpo do sujeito produtor e seus gestos como parte do sistema técnico (LEMONNIER, 1992).

Na concepção de Lemonnier (1992), o corpo é uma ferramenta e o uso de um determinado objeto está diretamente ligado à psique humana a partir de técnicas corporais. O uso não é dado pela natureza, mas, sim, por condições culturais e de aprendizado educacional, portanto, o uso do corpo será culturalmente elaborado, definindo, assim, a produção material. Nesse sentido, o gesto e a técnica serão apreendidos culturalmente a partir do corpo, que define todo processo produtivo.

As técnicas corporais instrumentalizam a produção material e, portanto, todo modo de confecção do objeto será fundamental para compreender o resultado. Esse aspecto aponta para uma compreensão de

todo o processo de produção, a partir da cadeia operatória que se inicia com o gesto. Para se entender os artefatos analisados é necessário estabelecer situações de comparação, pois existem tendências particulares próprias da produção do objeto e a sua própria condição.

Alguns elementos interpretativos são passíveis de definição, já que constituem o *modus operandi* da ação humana. A técnica, entendida como a ação efetiva sobre a matéria, estabelece a interação entre diferentes elementos, como: a própria matéria, a energia definida pela força utilizada, os objetos instrumentalizados, o gesto e o conhecimento investido na produção.

Nesse aspecto, é necessário definir a cadeia operatória, isto é, a sequência de operações na realização da transformação da matéria em objeto, a partir da complexidade de técnicas utilizadas para se chegar ao resultado, em um sistema tecnológico que se movimenta partindo de um conjunto de diferentes variáveis. O sistema tecnológico, sendo o resultado de um complexo integrado que possibilita a compreensão do objeto estudado, apresenta níveis de entendimento que se configuram pelas técnicas em si, ou seja, a ação efetiva sobre a natureza, os diversos conjuntos de técnicas e o sistema técnico em relação aos demais aspectos do sistema cultural.

Ao se analisar a tecnologia de populações indígenas percebe-se que existem aprendizados culturais que orientam as escolhas no procedimento de execução da produção de determinados objetos. Nessas escolhas estão as arbitrariedades culturais que particularizam a configuração do sistema tecnológico e, portanto, definem a compreensão de um grupo étnico e suas diferenças, em um processo produtivo. O objeto não terá significado apenas no fim, mas durante o seu processo de elaboração. Esses significados envolvem uma série de questões advindas da relação do ser com o meio e, também, da relação entre os próprios seres.

Na Arqueologia, os estudos de que fundamentam as ideias aqui apresentadas definem “tecnologia” como uma construção social em forma sistêmica que é apreendida a partir de um processo de socialização do conhecimento, mas que necessita de uma vivência prática, em uma leitura e

releitura do próprio modo de construção do conhecimento. Esses elementos são transmitidos entre as gerações dos membros dos grupos étnicos e possuem um conjunto de significados.

Para a perspectiva que estamos seguindo, a tecnologia é entendida como um processo social e a cadeia operatória é o dado básico, pois é nela que se percebem as escolhas do agente transformador da matéria: o artesão. Para tanto, deve-se compreender a situação técnica a partir de um processo em que se observam os agentes e a energia despendida para a ação dos mesmos, na escolha da matéria prima e na sua obtenção, na confecção de objetos, nos instrumentos empregados, na utilização e no descarte dos utensílios confeccionados, dentre outros elementos.

Logo, a tecnologia é vista como uma forma de expressão cultural e, portanto, a noção de estilo tecnológico estabelece uma perspectiva da relação entre o comportamento humano e a produção material. No processo produtivo, o estilo, definido como o modo de fazer algo ou alguma coisa, envolve escolhas entre possibilidades alternativas, a função e a peculiaridade de tempo e lugar. É um instrumento multidimensional e multifuncional, utilizado para gravar ou deixar uma marca. É algo que existe na variabilidade que se concretiza na produção de um objeto; podendo ser palpável e observável como uma categoria durante a análise arqueológica.

Esse conceito se concretiza no momento das escolhas que os artesãos fazem e do modo de se confeccionar o artefato em um determinado sistema de representações. O estilo está na forma, como condição do processo, e que se concretiza no resultado do trabalho, com o objeto finalizado. O processo é o elemento que permite compreender o comportamento humano e identificar suas escolhas. As escolhas são propagadas nos processos de ensino e aprendizagem realizados no interior dos grupos sociais, portanto, o estilo tecnológico possibilita que um determinado processo, uma expressão cultural, um significado, aconteça.

As escolhas nos sistemas tecnológicos se caracterizam por certa arbitrariedade, já que se configuram por uma variedade de situações disponíveis aos artesãos durante a produção, uso, reuso e descarte de

utensílios. De acordo com Chilton (1998), a premissa básica para a teoria da escolha tecnológica é que a sociedade escolhe várias opções igualmente viáveis de acordo com a resolução de um problema. Nesse sentido, podemos perceber que diferentes fatores influenciam na produção dos artefatos. Alguns elementos podem ser identificados nesses objetos, o que permite fazer inferências a respeito das escolhas que são empreendidas pelos artífices. Além disso, outros fatores devem ser pensados para se entender o ato de produção de artefatos, tais como a abundância ou escassez de matérias primas utilizadas em uma determinada região para a confecção dos artefatos; a distribuição de recursos, que gera diferentes padrões de mobilidade ou sedentarismo dos grupos humanos, e influencia na produção dos artefatos; os gastos de energia para a confecção de objetos; a noção de tecnologia, que se baseia em qualidade, quantidade e distribuição, a partir da relação tempo gasto/eficiência no resultado. Para se pensar em questões de ordem prática e funcional, e na compreensão da produção do artefato, por fim concorrem determinadas situações sociais que alteram características da produção da cultura material de um determinado grupo étnico (SILVA, 2000; SILVA, 2009a; SILVA, 2009b). Portanto, a definição do conceito de escolha tecnológica requer muita atenção na sequência, contexto do fabrico e uso do produto acabado, sendo necessários definir atributos que norteiem a compreensão do processo produtivo em análise e que configurem a compreensão de um determinado agrupamento humano no seu ato de produção dos objetos.

Muitos objetos não são produzidos com base em uma condição apenas prático/funcional. Em diferentes situações, os artefatos podem, também, ser produzidos para outros fins, mesmo que sejam produções que aparentem ter uma funcionalidade direta e associada ao cotidiano da vida social. Por exemplo, objetos aparentemente associados ao ato de se alimentar podem corresponder, na verdade, a contextos ritualísticos. Considerando sua produção, grau de retoque e resistência, pode-se concluir que determinado objeto produzido não deve ser utilizado para uma atividade diretamente relacionada, mas sim, como um possível objeto simbólico. Nesse sentido, percebe-se que para se pensar as escolhas é

necessário entender o processo produtivo como um todo, principalmente, do estilo associado a essas escolhas.

Outro elemento a ser abordado diz respeito aos mecanismos responsáveis pela continuidade e mudança de uma determinada tecnologia. A principal ideia que embasa a noção de mudança é a necessidade; ideia esta que pode, porém, variar de grupo para grupo estudado. No registro arqueológico, para se buscar elementos de entendimento da continuidade e mudança, é fundamental que se tenha certo rigor, para maior controle das possíveis variáveis que orientem a compreensão da problemática, e que possam contribuir na observação da dinâmica sociocultural passível de análise arqueológica.

As culturas estão sempre se transformando e essas movimentações perpassam também as produções materiais, criando algo novo, pela invenção, ou mesmo aprimorando essa criação em sua continuidade, por inovações que serão desenvolvidas pelos artesãos e que influenciam nas mudanças de longa duração, ou mesmo nas mudanças rápidas. Vários fatores, cognitivos, biológicos, antropológicos, e mesmo as questões práticas que são desenvolvidas pela tecnologia influenciam nesse processo.

Por intermédio das observações de Schiffer (1992), percebe-se que a competição entre diferentes sistemas tecnológicos contribui para as mudanças tecnológicas, já que essas são sempre vistas como algo positivo. Porém, diferentes aspectos de contatos interétnicos podem contribuir para alterações do sistema sem que se siga ou se entenda como sendo uma linearidade evolutiva. As mudanças são processos dinâmicos que variam de acordo com as características de desempenho do sistema tecnológico. As situações vão acontecendo concomitantemente no próprio processo de produção em que os elementos novos vão sendo testados e agregados pelos artesãos de acordo com o resultado, ao passo que outros elementos vão sendo abandonados de acordo com as escolhas empreendidas pelos sujeitos produtores dos artefatos.

A mudança acontece dentro de um processo cognitivo, a partir de uma percepção e leitura que o ser humano faz do seu ambiente e de suas relações sociais. Porém, essa percepção do mundo não é única, já que

diferentes fatores, frutos da educação que envolve o sujeito, interferem nessa percepção. As mudanças podem ser compreendidas a partir de noções simbólicas e materiais em que as informações, sendo fruto de relações intra ou intergrupos, são assimiladas e influenciam nas transformações de modos diferenciados, de acordo com os próprios indivíduos.

O registro arqueológico, constituído pelos vestígios materiais que foram formados, transformados e depositados a partir de diferentes fatores naturais e culturais ao longo da história, é um importante elemento no processo de compreensão de um determinado grupo étnico a partir da visão arqueológica. Os fatores culturais estão relacionados ao comportamento humano a partir das atividades de escolha da matéria prima, produção, uso, reutilização e descarte dos elementos materiais que resultam numa determinada formação desse tipo de registro. Já os fatores naturais são constituídos pelos acontecimentos pós-deposição que se formaram a partir do ambiente natural e que atuam nos depósitos arqueológicos. Fatores como a erosão, sedimentação, intempéries, agentes biológicos, etc., contribuem para sua destruição ou mesmo preservação dos artefatos arqueológicos. Portanto, os elementos históricos e ambientais determinam a variabilidade do registro arqueológico, sendo responsáveis pela configuração, modificação e destruição dos sistemas de deposição dos materiais encontrados nos diferentes espaços geográficos.

Por fim, quando pensamos a respeito dos sistemas de produção tecnológica das sociedades indígenas e seu estudo, cabe ressaltar que no Brasil existem poucos trabalhos de pesquisa sobre tecnologia que se debruçam na observação dos registros etnográficos, o que limita as reflexões sobre tecnologia indígena e cerâmica arqueológica<sup>6</sup>, cujo estudo assume, na maioria das vezes, um caráter tipológico e classificatório.

As pesquisas a respeito de tecnologias dos grupos étnicos regionais contribuem para a ampliação do quadro analítico no campo da Arqueologia

---

<sup>6</sup> Importantes trabalhos etnoarqueológicos sobre análise de tecnologia cerâmica indígena foram realizados por Miller (1978); Wüst (1982); Muccillo & Wüst (1982); Coirolo (1991); Oliveira (1999); Silva (2000); Silva (2001); Moi (2003), Landa (2005), Rodrigues (2007), e podem ser citados como exemplos.

e, além disso, proporcionam um acúmulo de informações nos estudos de cultura, entendendo aspectos da disponibilidade e o acesso às matérias primas necessários para a elaboração de artefatos, o que permite uma reflexão sobre as possibilidades interpretativas a respeito das possíveis transformações socioculturais no decorrer do processo histórico dos contatos interétnicos que deixaram suas marcas no registro arqueológico e que são identificados nos contextos regionais.

### **Breve conclusão**

O contexto arqueológico (estático) é constituído pelos materiais que passaram pelo sistema cultural e que agora são objetos do arqueólogo. Quanto mais dados dispuser a pesquisa arqueológica, ou melhor, quanto maior o rigor na coleta desses dados, mais completo será o modelo interpretativo. A partir das informações coletadas de sociedades contemporâneas ou historicamente conhecidas a respeito de sua cultura material, a partir de projeções etnográficas, estas informações podem ser aplicadas como fontes para gerar hipóteses que permitam inferir explicações da dinâmica social pretérita, “considerando a possibilidade de que existam semelhanças quanto às características organizativas das sociedades, seu nível tecnológico, seu entorno ambiental e a conjunção destes aspectos” (FOURNIER, 1994 p.187).

Várias são as formas de se interpretar o registro arqueológico. Para DeBoer e Lathrap (1979), a interpretação do registro arqueológico, deve ser realizada a partir do entendimento das transformações dos sistemas de comportamento que produziram a cultura material, e passa necessariamente pela coleta de dados empíricos, em sociedades contemporâneas, ou em sociedades historicamente conhecidas. Por isso, o dado etnográfico é fundamental, e quanto maior for o número de dados, melhor será a interpretação. Na visão desses autores, a variabilidade em artefatos do registro arqueológico envolve condições comportamentais que precisam ser consideradas em uma análise. Esse tipo de estudo, ao explicitar as relações entre cultura material e comportamento, procura fornecer

pressupostos teóricos ao processo de interpretação arqueológica, o que aumenta o seu potencial analítico, pois considera que todas as informações do comportamento humano poderão ser observadas.

Nesta perspectiva arqueológica ressalta-se que toda sociedade humana vive processos de mudanças contínuas, inclusive no que se refere aos materiais que utiliza, e em constantes contatos interétnicos. Seja no presente ou no passado, estas mudanças e contatos influenciam constantemente a produção da cultura material. Em qualquer momento de sua existência, alguma proporção de material estará entrando em desuso e se decompondo, enquanto outros e novos materiais estão sendo somados em substituição, fazendo com que novos objetos sejam produzidos (ASCHER, 1971). É essa dinâmica cultural, fruto do processo de transformação social, inerente a todos os grupos humanos, que deve se fazer presente no momento em que o arqueólogo utiliza-se de um referencial teórico para desenvolver suas investigações e posteriores interpretações do registro arqueológico para gerar conhecimento que deve ser tornado público, e difundido socialmente.

A Arqueologia tem uma série de públicos diferentes e em vários níveis de apreciação. O interesse pela Arqueologia não deve se limitar apenas aos indivíduos que leem livros e visitam monumentos, ou se informam por meio dos veículos de comunicação especializados, mas também deve chegar à sociedade como um todo, pois lidamos com patrimônio cultural de valor inestimável para todos os segmentos. E, como bem define Trigger (2004),

O fato de que a Arqueologia pode gerar um número cada vez maior de ideias sobre o que aconteceu no passado sugere que ela pode constituir uma base cada vez mais eficaz para a compreensão da mudança social. Isso, por sua vez, indica que, no devido tempo, ela poderá servir de guia para o desenvolvimento futuro, não no sentido de proporcionar conhecimento tecnocrático e planejadores sociais, mas ajudando a população a fazer, em matéria de políticas públicas, escolhas mais

Dando significado às coisas: por uma Arqueologia antropológica nos estudos interpretativos da tecnologia indígena numa perspectiva interdisciplinar e regional

*Robson Rodrigues*

fundamentadas em termos de informação. Em um mundo que se tornou demasiado perigoso para que a humanidade dependa do método de tentativa e erro, o conhecimento oriundo da Arqueologia pode ser importante até mesmo para sobrevivência humana (TRIGGER, 2004, p.399).

### **Referências bibliográficas:**

ASCHER, R. Analogy in Archaeological Interpretation. In: Deetz, J. (Ed.). **Man's Imprint from the Past**. Boston: Little Brown, 1971.

CHILTON, E. S. The Cultural Origins of Technical Choice: Unraveling Algonquian and Iroquoian Ceramic Traditions in the Northeast. In: M. Stark (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Washington: Institution Press, 1998.

COIROLO, A.D. Atividades e tradições dos grupos ceramistas do Maruanum. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Antropologia, 7(1).

DAVID, N. Integrating Ethnoarchaeology: a Subtle Realist Perspective. **Journal of Anthropological Archaeology**, n. 11, 1992.

DeBOER, W.R.; LATHRAP, D. The Making and Breacking of Shipibo-Conibo Ceramics. In: C. Kramer (Ed.). **Ethnoarchaeology**. Implications of Ethnography for Archaeology, 1979.

FOURNIER, P. La Etnoarqueologia y Arqueologia Experimental en el estudio de la alfareria Otomi de Valle del Mezquital, México. In: **II Workshop de métodos arqueológicos e gerenciamento de bens culturais**, n. 2, 1994, Rio de Janeiro, IPHAN, cadernos de debates.

FUNARI, P. P. **Arqueologia**. Ed. Contexto, São Paulo, 2006.

GONZALO, A. H. La Etnoarqueología, hoy: una via eficaz de aproximación al pasado. In: **Trabajos de Prehistoria**, 52, n. 2, Espanha, 1995.

**Crítica e Sociedade**: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2017

Dando significado às coisas: por uma Arqueologia antropológica nos estudos interpretativos da tecnologia indígena numa perspectiva interdisciplinar e regional

*Robson Rodrigues*

GOULD, R. A. Some current problems in ethnoarchaeology. In: **Experimental Archaeology**. New York: Columbia University Press, 1977.

HODDER, I. **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge, University Press, 1982.

LANDA, B. dos S. **Os Ñandeva/Guarani e o uso do espaço na terra indígena Lindo/Jakarey, município de Japorã/MS**. 2005. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

LEMONNIER, P. **Elements for Anthropology of Technology**. Michigan: Museum of Anthropological Research, n. 88; Michigan: University of Michigan, 1992.

LEROI-GOURHAN, A. El hombre y la material: Evolución y técnica I. Tradução de Ana Agudo Mendez Villamil. Madrid: Taurus, 1988.

LONGACRE, W. Ceramic Ethnoarchaeology: An introduction. In: **Ceramic Ethnoarchaeology**. Tucson, the University Arizona Press, 1991.

LUMBRERAS, Luís. **La Arqueología como Ciencia Social**. Ediciones Peisa. Lima/Peru, 1981.

MANO, M. Sobre as penas do gavião mítico: história e cultura entre os Kayapó. **Tellus**, ano 12, nº. 12. Campo Grande. 2012.

MILLER Jr, T. O. Tecnologia cerâmica dos Kaingang Paulista. **Arquivos do Museu Paranaense**, N.S. Etnologia 2. Curitiba, 1978.

MOI, F. P. **Organização e uso do espaço em duas aldeias Xerente: uma abordagem etnoarqueológica**. 2003. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MONTICELLI, Gislene. **Vasilhas de cerâmica Guarani: resgate da memória entre os Mbyá**. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

Dando significado às coisas: por uma Arqueologia antropológica nos estudos interpretativos da tecnologia indígena numa perspectiva interdisciplinar e regional

*Robson Rodrigues*

MUCCILO, R. & WÜST, I. Aspectos da tecnologia cerâmica Bororo. In: **Arquivos do Museu de História Natural**, vol. VI-VII. Belo Horizonte, UFMG, 1981/82.

OLIVEIRA, L. M. **A produção cerâmica como reafirmação de identidade étnica Maxacali: um estudo Etnoarqueológico**. São Paulo: USP, 1999. Dissertação (Mestrado) - MAE/USP, 1999.

RODRIGUES, R.A. **Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no vale do rio Feio/Aguapeí**. Tese de Doutorado. MAE/USP, SP, 2007.

SCHIAVETTO, S. N. O. **A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena**. AnnaBlume/Fapesp. São Paulo. 2003.

SCHIFFER, M. B. Technology and Society. In: SCHIFFER, M.B.(Ed). **Technological Perspectives on Behavioral Change**. Tucson: University of Arizona Press, 1992. p. 130-141.

SCHIFFER, M. B. Toward the identification of formation processes. **American Antiquity**, n. 48, 1983.

SILVA, F. A. **As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva Etnoarqueológica**. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. A variabilidade dos trançados dos Asurini do Xingu: uma reflexão etnoarqueológica sobre função, estilo e frequência dos artefatos. **Revista de Arqueologia**, v.22, n.2, 2009a.

\_\_\_\_\_. A Etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 4, n. 1, 2009b.

SILVA, S. B. da. **Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais**. 2001. Tese (Doutorado em

Dando significado às coisas: por uma Arqueologia antropológica nos estudos interpretativos da tecnologia indígena numa perspectiva interdisciplinar e regional  
*Robson Rodrigues*

Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

STILES, D. Ethnoarchaeology: a Discussion of Methods and Applications. *Man*, n.s. 12, 1977.

TRIGGER, B. G. **História do Pensamento Arqueológico**. Odysseus Editora, São Paulo, 2004.

WÜST, I. Observações sobre a tecnologia cerâmica Karajá de Aruanã. In: **Arquivos do Museu de História Natural**, vol. VI-VII. Belo Horizonte, UFMG, 1982.

**Resumo:**

*Dando significado às coisas: por uma Arqueologia antropológica nos estudos interpretativos da tecnologia indígena numa perspectiva interdisciplinar e regional*

A compreensão dos diferentes aspectos espaço/temporais das ocupações humanas em contextos regionais deve ser estabelecida a partir de relações interdisciplinares que têm na Arqueologia um eixo que permite definir modelos interpretativos que admitem múltiplas variações na análise das escolhas empreendidas pelos agentes produtores de artefatos no interior dos grupos étnicos. A Etnoarqueologia, neste contexto, se constitui como uma das possibilidades para se estabelecer uma aproximação entre a Arqueologia e a Antropologia, pois cria as condições para a realização de uma análise dos estilos tecnológicos que se encontram presentes nas dinâmicas culturais indígenas, bem como permite o entendimento das relações existentes entre o comportamento humano e os vestígios materiais encontrados no registro arqueológico.

Palavras-chave: Etnoarqueologia, Tecnologia indígena, Arqueologia regional, Interdisciplinaridade.

**Abstract:**

*Giving meaning to things: for an anthropological Archaeology in the interpretative studies of indigenous technology in an interdisciplinary and regional perspective*

The comprehension of the different spatiotemporal aspects of human occupations in regional contexts must be established from interdisciplinary relations that have in Archaeology an axis that allows it to determine interpretative models that admit multiple variations in the analysis of the choices made by the producing agents of the artifacts within ethnical groups. In this context, Ethnoarchaeology is one of the possibilities that establishes an approximation between Archaeology and Anthropology, for it creates the necessary conditions to the analysis of technological types that are present in indigenous cultural dynamics, as well as allowing the understanding of the existent relations between human behavior and the material elements found in the archaeological record.

Keywords: Ethnoarchaeology; Indigenous technology; Regional Archaeology; Interdisciplinary.